

ANALISAR AS DIFICULDADES DE SE “ASSUMIR” LÉSBICA EM UMA SOCIEDADE HETERONORMATIVA NA CIDADE DE HUMAITÁ – AM

Lana Veras Ferreira ¹
Yasmim Cristina Sá Colares ²
Sara Cali Cabral Braga ³
Larissa Monteiro Cruz ⁴
José Roberto Gomes ⁵

RESUMO

O objetivo desta pesquisa destina-se a descrever vivências que dizem respeito sobre quão é oprimida e discriminada a mulher lésbica quando esta se pretende “assumir-se” como mulher lésbica. Partimos da ideia de que ser lésbica é não ser reconhecida e do quanto o termo “lésbica” ainda passa por preconceitos diante de discursos da sociedade que pouco ou nada entende acerca do assunto. Uma vez que estamos inseridos em uma sociedade patriarcal que muito desvaloriza quaisquer orientações sexuais ou relações homoafetivas, vamos em busca de dar voz ao termo “lesbianidade” e fazer com que se mantenha o propósito de analisar as dificuldades de se “assumir” lésbica em uma sociedade heteronormativa na cidade de Humaitá – AM. A pesquisa em si, será de cunho qualitativo/quantitativo, utilizando-se de dados bibliográficos, questionários e entrevistas. Foi realizada revisão bibliográfica, afim de aperfeiçoar o discurso que aqui explicitamos e por sua vez trazer melhorias a este projeto de pesquisa visando resultados que nos levem a soluções em vista de compreender as dificuldades vividas por muitas mulheres lésbicas diante dos dados coletados.

Palavras-chave: Lesbianidade, Heteronormatividade, Preconceitos.

INTRODUÇÃO

Ser lésbica é não ser reconhecida como um ser normal dentre a sociedade, sofrer ataques constantemente e perguntas frequentes do tipo: “por que ser lésbica?” ou mesmo “quem é o homem da relação?”, primeiramente devemos explicitar que se fosse para ter um homem na relação se trataria de uma heteroafetividade e não lesbianismo. O termo lésbico ainda passa por confusão, onde as pessoas associam identidade de gênero com sexualidade, portanto, deve-se explorar e levar a conhecimento geral que quando falamos que uma mulher

¹ Graduanda do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lanaveras1527@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, yasmimcolares7@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, calisara863@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, larissamonteiro.1909@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutor em Filosofia, professor pelo Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, robertogomes@ufam.edu.br.

é lésbica, não estamos nos referindo a querer ser homem, estamos se referindo a uma relação comum como qualquer outra, onde duas mulheres compartilham de seus desejos sexuais afetivos.

Em meio a tantos porquês, e poucas explorações acerca do assunto, fazem com que esse ser lésbico fique em uma caixa fechada, onde não há uma boa orientação ou apoio para aquelas mulheres que estão se descobrindo e ainda não possuem esse entendimento de tal sentimento que ali está se formando. As lésbicas se deparam com expressões como: “você ainda não encontrou o homem certo” ou “é por que não encontrou alguém quem te pegue de jeito”, são falas ouvidas com frequência pelo público lésbico ditas por pessoas que reproduzem de forma totalmente preconceituosa na medida que querem impor uma concepção heteronormativa.

Nas civilizações antigas, apesar dos poucos dados fornecidos, havia relatos sobre uma sociedade matriarcal na ilha de Creta e a presença considerável nos clássicos gregos sobre as guerreiras Amazonas, sendo nesse período a heterossexualidade um dever do cidadão, mas não a norma. Entretanto, no Ocidente cristão, se a homossexualidade masculina foi sendo banida, a homossexualidade feminina foi sendo totalmente apagada, e as mulheres punidas por práticas homossexuais eram denominadas de sodomitas. Navarro- Swain (2004) identifica nesta ação o apagamento e silenciamento da mulher lesbiana, pois, para ela, o que nem é intitulado, não existiu. A lesbianidade, nessa perspectiva, está ausente dos próprios discursos sociais. O amor e sexo entre duas mulheres é potencial perigo de perda de poder (Navarro-Swain, 2004). Na sociedade patriarcal, a forma de assegurar a dominação é na prática heteronormativa, sendo esta hierarquia definidas pelos valores morais e religiosos. Nota-se que a figura da mulher lésbica pouco aparece na história porque, num contexto em que apenas o homem é valorizado, espera-se que a mulher se afaste de sua sexualidade, sendo preconizado o sexo para a reprodução. A exclusão da lesbiana é, assim, um processo de ordenação do normativo heterossexual institucionalizado. O debate contemporâneo em torno das lesbianidade aponta o sistema patriarcal, heterocentrado e racista como fomentador da invisibilidade e discriminação lésbica. Sobre isso, afirma Auad e Lahni (2013) que

A heterossexualidade como norma produz a homossexualidade como desvio. Não há norma sem desvio. A norma só se sustenta pela existência do desvio; a virtude pelo vício; a manutenção da saúde pela fuga de tudo quanto é socialmente percebida como doença. Esses pares, essas oposições binárias — tão constituintes também do que se conhece e se aceita como masculino e feminino — expressam a maneira como historicamente foi sendo produzida a heterossexualidade compulsória. Esta é a matriz de um conjunto de fenômenos, da homofobia à invisibilidade lésbica, do

ardente culto aos privilégios heterossexuais à negação da bissexualidade como orientação sexual possível e praticada (p. 122)

Segundo Butler (2003), a heterossexualidade não é uma escolha, mas uma imposição que oculta e preconcebe normas, padrões e valores dos relacionamentos entre os sexos quando toma como referência à matriz heterossexual enquanto modelo discursivo hegemônico que apregoa sexo estável e gênero. Essa tem sido uma das diversas outras batalhas que o público lésbico precisa enfrentar para se assumir na sociedade. Se “assumir” lésbica vai além da vida sexual, mas revela um conjunto de possibilidades, expressas por suas ações cotidianas, pelas relações que estabelece consigo mesmas e com o mundo.

A orientação sexual das mulheres não precisa ser desconsiderada, mas incorporada como uma das possibilidades do modo de estar no mundo. Ser lésbica e ainda ter que se assumir é uma questão que não deveria ser dificultosa, mas, infelizmente, ainda é um passo um tanto longo e que para ser dado é necessário muito diálogo e compreensão de terceiros, sejam os pais, familiares e em alguns casos, os amigos. O medo da rejeição, julgamentos e até mesmo violência, se tornou algo comum a que muitas mulheres lésbicas já sentiram e/ou ainda sentem nos dias atuais, uma vez que a sociedade é dominada pelo discurso heteronormativo. Esse discurso, que se traduz em gestos, é o maior responsável pelo sofrimento de uma pessoa que por não se identificar com seu sexo de nascimento muitas vezes gera transtornos mentais que precisam ser tratados - a exemplo da depressão e da ansiedade.

A sociedade elaborou esse pensamento de que ser lésbica é fase, frescura, moda, não ter encontrado o cara ideal ou mesmo não ter vergonha na cara, e é de forma sucinta que se deve expor que por diversos momentos da história mundial tiveram casos lésbicos dos quais resultaram em fins trágicos. Citamos também a luta de casais de mulheres lésbicas em “assumir” sua relação amorosa em uma sociedade heteronormativa, que insiste em afirmar de forma acirrada, a diatribe de que só existe um padrão de gênero que deve ser seguido. Foi no âmbito desses questionamentos em se assumir lésbica em oposição a heteronormatividade que emergiu este projeto de pesquisa em vista de analisar as dificuldades que as mulheres lésbicas tem e enfrentam na sociedade, particularmente na cidade de Humaitá-AM.

Queremos junto a mulheres lésbicas relatar seus desafios e os enfrentamentos do processo de se “assumir” lésbica; qual a consequência da publicização/visibilidade de seu assumir numa sociedade hegemonicamente heterossexual e patriarcal e como o se “assumir” lésbica coloca em dúvida o poder hegemônico de uma sexualidade.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as dificuldades de se assumir lésbica em uma sociedade heteronormativa na cidade de Humaitá – AM e, especificamente, discutir a heteronormatividade como empecilho para se assumir lésbica; apresentar as dificuldades de se assumir lésbica; identificar possíveis traumas sofridos pelas mulheres lésbicas; propor possibilidades de visibilização das mulheres lésbicas de Humaitá.

METODOLOGIA

A pesquisa será de cunho qualitativo, utilizando-se de entrevistas que posteriormente serão transcritas para melhor análise e resultados dos dados coletados, “as fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. [...]” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 186).

Desse modo, a constituição do trabalho de investigação, a sua natureza e os seus objetivos são as componentes fundamentais na escolha ou definição do método a ser aplicado e dos procedimentos de análise dos dados recolhidos. Optamos pela abordagem metodológica na pesquisa qualitativa etnográfica que tem suas raízes plantadas na fenomenologia. Nesse modelo metodológico, o senso comum é valorizado para a compreensão do social e o observador procura interpretar aquilo que o sujeito já havia interpretado dentro do seu universo simbólico. É um estudo do significado da “vida diária”.

É uma postura/posição metodológica que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas de ordem social (essência vista “de fora”), colocando que ela se cria na própria interação, sendo uma forma nova de apreender a realidade, sabendo que nenhuma delas consegue apreendê-la totalmente (Braga, 1988). Enquanto a etnologia estuda o significado da vida diária, a etnografia procura descrever esses significados (Braga, 1988). O método etnográfico tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural. O trabalho de campo, segundo Herskovits (1963), consiste em dirigir-se ao público que se pretende estudar, escutar as conversas. Os dados obtidos lançarão luz sobre os problemas essenciais da natureza e funcionamento da cultura e do comportamento social humano. Somente uma ampla base de dados descritivos será capaz de fornecer a primazia da cultura na modelagem da conduta.

Nesse sentido, o procedimento etnográfico é entremeado com recursos da história oral na medida em que as mulheres lésbicas falem de suas dificuldades em se assumir como lésbicas. As falas serão recolhidas em rodas de prosa, gravadas e transcritas. Além das rodas de conversa, serão realizadas entrevistas individuais. O roteiro de entrevista partirá da

proposição geral de que os participantes relatem o cotidiano da vida. Dessa forma, este projeto será desenvolvido no município de Humaitá localizado no sul do estado do Amazonas, em especial lidando com um público diversificado de mulheres lésbicas não assumidas, sendo de cunho qualitativo onde seus principais objetivos serão apurar acerca de questionário e entrevistas confidenciais, falas reais de um grupo que ainda vive em exclusão, levando em consideração o porquê dessas mulheres ainda se sentem sem espaço ou local de fala, analisando possíveis consequências destas lacunas, que sim, ainda se fazem presente deixando em desconformidade o ser Lésbica, que em pleno século XXI ainda se veja a necessidade em corrigir falas sexistas e que incitam a lesbofobia. As entrevistas constituem um dos eixos centrais desse projeto, visando através do diálogo com as mulheres lésbicas as informações que interessam responder os objetivos da pesquisa.

Salientamos que as informações obtidas pelas entrevistadas tiveram o sigilo e anonimato garantidos em vista de sua segurança e da pesquisadora. Os devidos dados coletados serão expostos por meio de apresentação, onde de forma sucinta será levado a público como forma de ajudar muitas outras mulheres a se entenderem e criarem coragem de assumir tal orientação. Haverá um artigo, para expor os passos exploratórios de um trajeto rico de aprendizado em que nele pretendemos descrever fatos reais e que irão contribuir na vida pessoal de muitas outras mulheres lésbicas.

Nesses meses que se sucederam projeto de pesquisa, foi feito levantamentos, revisões bibliográficas (leitura de livros entre outras fontes para fundamentação de um projeto) em que buscamos investigar e descrever os impactos da sociedade heteronormativa para com a realidade vivida por essas mulheres.

Esse movimento metodológico de buscar revisões bibliográficas para compreender o quão as mulheres lésbicas são afetadas nos permitiu entender que não há um só tipo de mulher lésbica, um só tipo de comportamento lésbico, uma única relação lésbica. Igualmente, não há um só tipo de resposta que defina as pressões que as mulheres lésbicas podem sofrer. Uma visibilidade lésbica passa pela compreensão de que as definições comparações atendem aos interesses de uma sociedade heteronormativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento deste projeto de pesquisa foi buscar conhecimentos acerca da história da sexualidade dando ênfase ao espaço de mulheres lésbicas, bem como a leitura de artigos que viessem nos ajudar na compreensão e mostrar um discurso contrário do que a

heteronormatividade propõe no qual diz que as mulheres se tornam lésbicas após frustrações sofridas com homens. Para tanto, cursamos uma disciplina ofertada no IEAA- UFAM denominada Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola que visa ajudar a compreender gênero e sua relação com a sexualidade vivida na escola. A disciplina nos ajudou a perceber e fazer paralelos com o nosso objeto de pesquisa.

Foi realizada a leitura de artigos e outros textos que estão nas referências, mas houve um que marcou: Lesbianidade e as referências legitimadoras da sexualidade, para que pudéssemos entender o termo “lesbianidade” e como que esse termo influencia na vida de mulheres que se autodenominam lésbicas. Em partes do artigo ficou evidente o discurso furioso vindo da sociedade que se autodeclara “normal”, no qual de forma agressiva despejam comentários do tipo “desgraçadas”, “nojentas que deveriam arder no fogo do inferno”, etc. Embora não tivéssemos ido a campo, estávamos impressionados pelas leituras onde a cada página descobríamos a invisibilização seguida de palavras direcionada a mulheres com desejo afetivo-sexual.

Como descrito, ainda no início desta pesquisa, trabalhamos analisar as dificuldades enfrentadas por mulheres em se “assumir” lésbica diante da sociedade sexista na qual estamos inseridos, especificamente na cidade de Humaitá-AM. Ainda que seja um assunto delicado a ser tratado, com base nesta afirmativa desenvolvemos um questionário, que foi disponibilizado nos corredores do prédio do IEAA-UFAM para além das entrevistas, que procuramos fazer e ainda estão em andamento, pudéssemos coletar o que pensam os estudantes de Graduação e àqueles (as), que quisessem responder ao questionário, o que pensam sobre ser mulher lésbica.

Após delimitarmos o que faríamos para corroborar com este projeto de pesquisa em reuniões de orientação, fomos à prática em vista de espalhar o questionário contendo sete perguntas essenciais, sendo elas; Idade; Como se autodeclaram na sexualidade? Se lésbica, desde quando se assume? Quais as dificuldades de se assumir lésbica? Em sua visão ser lésbica é algo anormal? Em seguida, foram confeccionadas duas caixas contendo a descrição do projeto e colocadas em pontos estratégicos do campus do IEAA-UFAM. Estas caixas foram criadas como uma espécie de correio, para que não houvessem problemas de exposição com relação às pessoas que estavam respondendo aos questionários. As caixas tinham dois espaços, um que se disponibilizava de questionários em branco e uma caneta, outro que aparentava ser um correio onde a pessoa que respondia o questionário poderia puxar uma cordinha e depositando a folha respondida para que fosse feito a coleta, sem que houvesse exposições.

Relatamos, que nossa pesquisa nessa fase de coleta de dados, enfrentou dificuldades por conta das opiniões contrárias, comentários maldosos, opressão vinda do público que desconhecia a temática e ainda se tinha o pensamento de que em “tempos antigos” não existiam as questões lésbicas ou mesmo de pessoas que nos dias atuais ainda naturalizam a masculinidade como superior dentro a sociedade em que vivemos. De certa forma, essas atitudes frente a nossa pesquisa, confirma as dificuldades de ser lésbica em Humaitá-AM. Essa tem sido um grande problema durante a pesquisa, pois durante todos os meses haviam gatilhos que me impediam, me deixavam presa a desistência e desse por encerrado esse assunto, me fazendo voltar para as sombras de onde não só eu como pesquisadora, mas todas as mulheres lésbicas estão destinadas a estar caso não tentem enfrentar a sociedade. Ainda na coleta dos questionários, recebi bilhetes onde haviam mensagens maldosas e em um dos questionários uma delas que dizia ‘para de mimimi’.

No entanto, a pesquisa se desenvolveu e apresentamos a seguir os dados coletados conforme as perguntas que compuseram o questionário que foi disponibilizado nos corredores do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente- IEAA – UFAM.

1. Idade

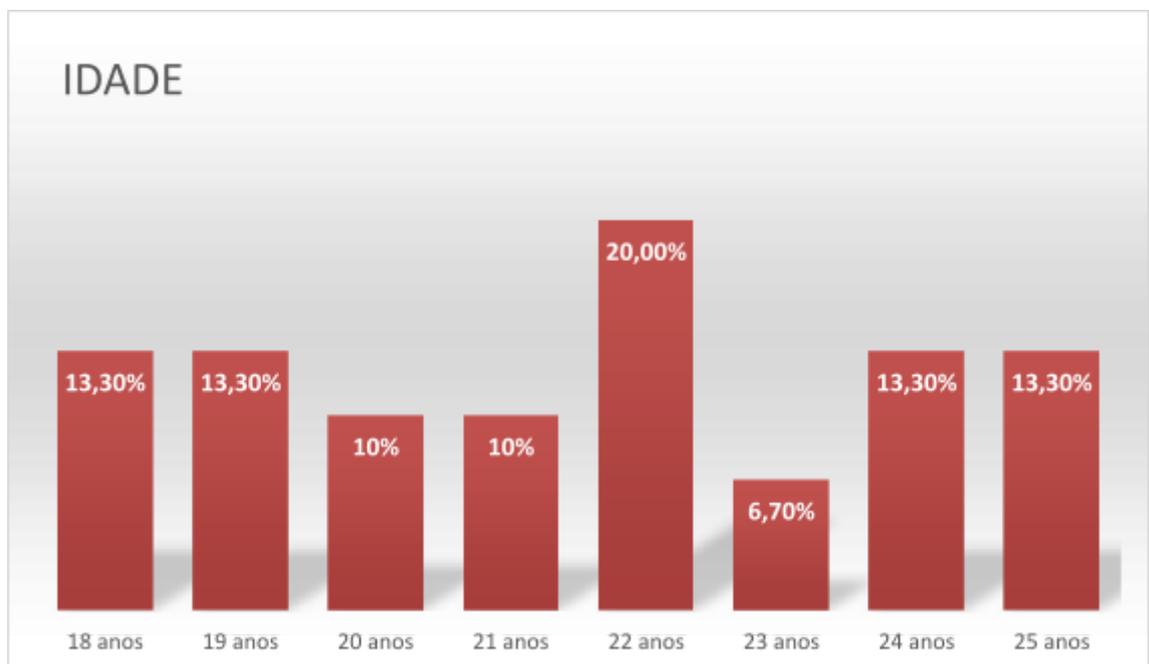


Fig. 1 – Faixa etária das pessoas que responderam aos questionários.

As faixas etárias destes questionários variaram de dezoito a vinte e cinco anos de idade, tendo em destaque as pessoas com 22 ano que estão com uma porcentagem de 20%. Esta parte da pesquisa nos foi um ponto importante pois, já contávamos com essa mistura de idades pelo fato compreender quem respondia os questionários e se eram pessoas maiores de idade. Ressaltamos que foi muito importante sabermos a idade da pessoa em que estava respondendo o questionário, pois nos coloca frente a uma análise comparativa do tempo em que esta pessoa estava assumida como “lésbica” ou mesmo se “não é assumida”, teríamos uma base da quantidade de tempo em que essa pessoa estaria se escondendo e, por meio de mais alguns dados dos questionários e gráficos poder chegar a uma resposta concreta.

2. Como se autodeclaram na sexualidade?

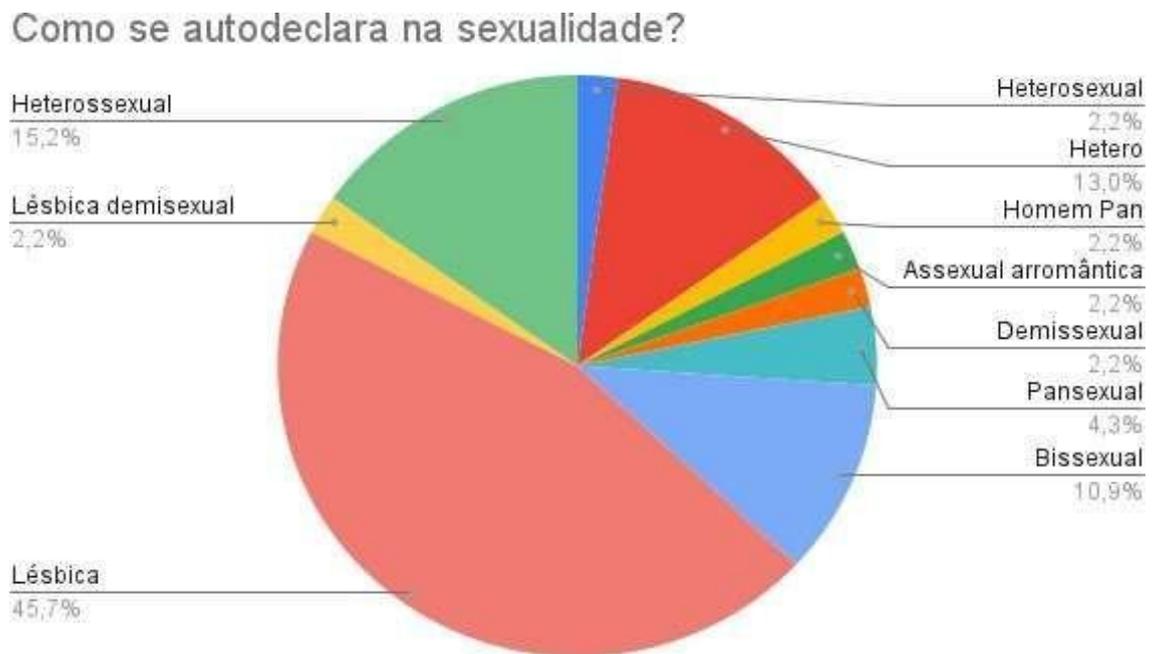


Fig. 2 – Orientação das pessoas que responderam aos questionários.

A auto declaração neste gráfico variou entre Assexual Arromântica 2,2%, Bissexual 10,9%, Demissexual 2,2%, Heterossexual 2,2%, Homem Pan 2,2%, Lésbica 45,7%, Lésbica Demissexual 2,2% e Pansexual 4,3%. Tivemos uma grande miscigenação de orientações e acreditamos que de alguma forma essas pessoas queriam poder expressar suas opiniões ou mesmo poder responder ao questionário mesmo que não desrespeitasse. Por um lado, ficou evidente do quanto a temática é interessante e precisa ser explorada, elevada a olhares

diversos para que a sociedade consiga compreender tamanha diversidade de orientações e do quanto se tratam de pessoas como qualquer outra.

3. Se lésbica, desde quando se assume?

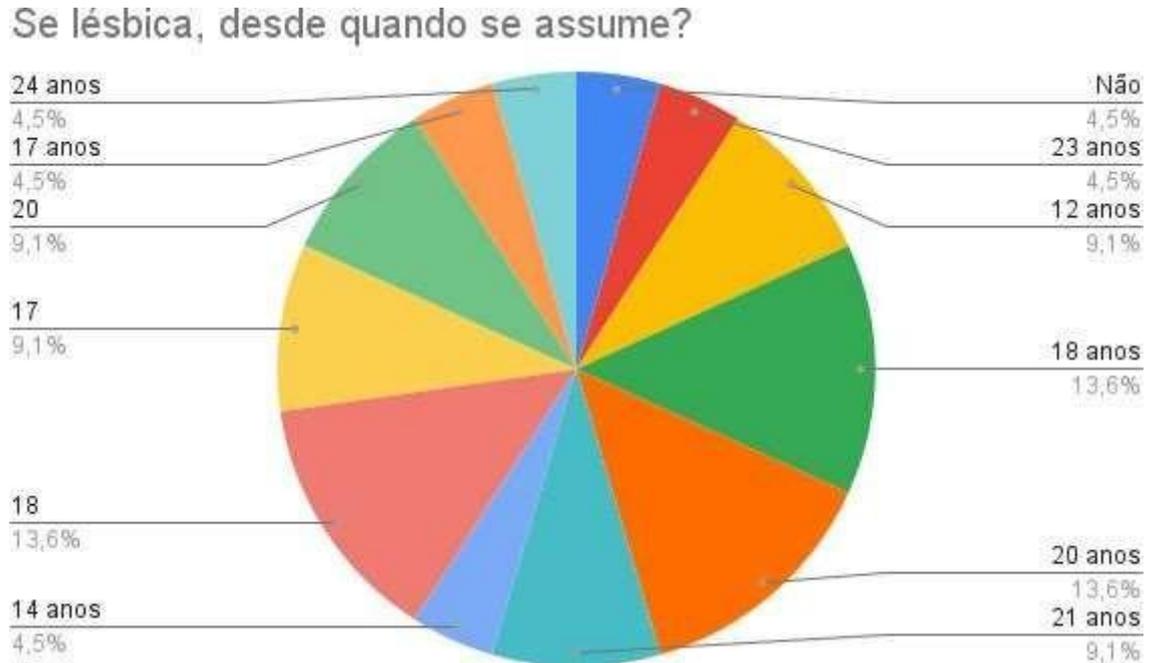


Fig. 3 – Faixa etária de quando se assumiram

Neste gráfico as idades variaram de doze a vinte e três anos, se destacando as idade de 18 e 20 anos, ambas com a porcentagem de 13,6%, o que nos conectou com o primeiro gráfico, no qual falávamos sobre ter uma noção da quantidade de tempo em que estas pessoas eram “assumidas” ou “não assumidas”, e que de alguma forma nos fizesse enxergar o obvio de muitos posicionamentos, nos quais é válido ressaltar que, não importa a idade em que você venha a se assumir, sempre será apontado como motivo de desgosto. Explicitamos aqui que em alguns questionários não constava a idade na qual a pessoa assumiu sua orientação sexual, com base nisto ficou constatado em nosso gráfico como “Não”, o que nos levou a crer que a pessoa não é assumida ou não quis identificar a idade na qual se assumiu.

4. Em sua visão ser lésbica é algo anormal?

Em sua visão ser lésbica é algo anormal?

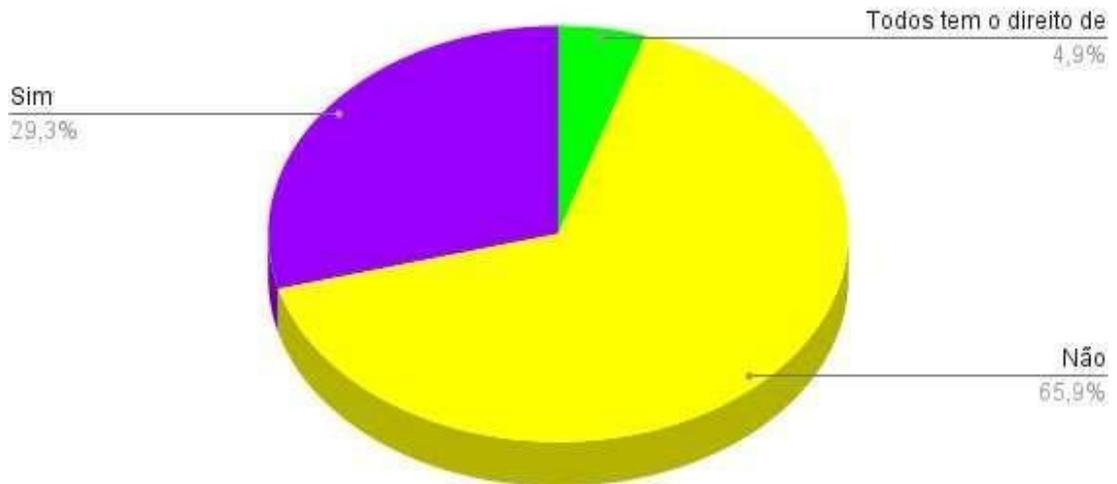


Fig. 4 – Anormalidade em ser lésbica.

Algumas pessoas disseram que “não” é “anormal” ser lésbica, equivalente a 65,9%, outras pessoas colocaram que “sim” é “anormal” ser lésbica, equivalente a 29,3% e, apenas uma pessoa expressou sua opinião dizendo o seguinte; “Todos tem o direito de amar, seja homem ou mulher. Para mim não, pois, acredito no amor e que ninguém pode julgar a não ser Deus”, equivalente a 4,9% de nosso gráfico. Ficamos um tanto impactados com a quantidade de respostas “sim”, no qual afirmam que ser “lésbica” é algo anormal. Não sabemos explicar se essa foi uma falta de interpretação ou se as pessoas que responderam aos questionários realmente afirmam a anormalidade presente no ser lésbica, todavia apuramos cada parte dos questionários e trouxemos a público o que por muito tempo se escondeu. Agora sim pode-se dizer que estamos tendo consciência do que é a “mulher lésbica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa quis por meio da análise de dados, separação por perguntas, aporte teórico em vista de compor um corpus teórico que desse conta de entender as dificuldades de ser

mulher lésbica e ainda ter que se “assumir” para uma sociedade heteronormativa. Podemos perceber que a exclusão e marginalização a que as mulheres lésbicas estão sujeitas reafirma a imposição da vivência clandestina e silenciosa das emoções, o não compartilhar seus amores, sonhos e seu cotidiano com a família, com os amigos. Este silêncio é uma tentativa de eliminar as diferenças, como se a sociedade, negando a lesbianidade e a homossexualidade, pudesse impedir, sua existência, pois como diz Swain (2000, p. 37), “na política do esquecimento reside a destruição ou o silêncio sobre a multiplicidade das relações humanas, sejam elas sociais ou sexuais.

Temos a percepção por meio de algumas falas colhidas e ouvidas, nesse processo, que as mulheres lésbicas se encontram mergulhadas numa instituição cultural da heterossexualidade e que enquanto essa cultura estiver presente o terror, o preconceito continuará a impor uma lógica machista, misógina, homofóbica que atende aos interesses de uma cultura heteronormativa. E, nesse sentido, é possível aferir pelos dados coletados que a cidade de Humaitá – AM é uma cidade que não difere de outros lugares em que a presença da heteronormatividade está presente nas relações e nos julgamentos que se fazem em relação a ser lésbica.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. **Diversidade, direito à comunicação e alquimia das categorias sociais: da anorexia do slogan ao apetite da democracia.** Revista Eptic Online, São Cristóvão, v. 15, n. 3, p. 117-130, set./dez. 2013.
- BRAGA, C.M.L. **A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica.** Ci. Cult., v.40, n.10, p.957-66, out., 1988.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. **Ética, sexualidade, política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- HERSKOVITS, M.J. **Antropologia cultural: o homem e seu trabalho.** São Paulo: Mestre Jou, 1963. p. 98-108.
- LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. **Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão.** Rev. latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKARTO, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5a ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. a. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão.** Cadernos Pagu, n. 12, p. 109-120, 1999.

OLIVEIRA, Caroline Schweitzer. **Assumir-se Lésbica: Desafios e Enfrentamentos.**

Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/C/Caroline_Schweitzer_de_Oliveira_20.pdf

PEREIRA, Ana Maria. **Lesbianidade: um assunto familiar!**. Disponível em:

http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/976/1/Lesbianidade%3a%20um%20assunto%20muito%20familiar%21_2008_Completa.pdf

RIOS, R. R. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea.** Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RUBIN, Gayle. **Tráfico sexual – entrevista: Gayle Rubin com Judith Butler.** Cadernos Pagu, n. 21, p. 157-209, 2003.

SWAIN, T. N. **O que é Lesbianismo.** São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos, 313).

TOLEDO, Livia Gonsalves. Teixeira Filho. Fernando Silva. **Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade.**

Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a06.pdf> >. Acesso em 25 de set de 2022.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82